

Intervenção da direção da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro na cerimônia de concessão do título de professor emérito ao Professor Carlos Nelson Coutinho¹

Magnífico reitor da UFRJ – prof. Carlos Levi –, decano do CFCH – prof. Marcelo Correa –, nosso mestre e proponente da emergência – prof. José María Gómez –, prezados pró-reitores, conselheiros do Consuni, demais autoridades acadêmicas, docentes, discentes e técnico-administrativos; companheiros do serviço social brasileiro – aqui representado por meio de suas entidades, a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, o Conselho Federal de Serviço Social e o Conselho Regional de Serviço Social do Rio de Janeiro –, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, camaradas e companheiros de partidos políticos, nosso querido professor emérito, prof. Carlos Nelson Coutinho, a quem, carinhosamente, chamamos de Carlito.

Em junho de 2011, neste auditório, por ocasião da concessão da emergência ao prof. José Paulo Netto, tive oportunidade de expressar, representando todo Conselho Diretor e toda a comunidade da ESS, o quanto a concessão deste título honorífico, uma das maiores honrarias existentes no meio acadêmico, representava mais do que o reconhecimento por parte da UFRJ dos inegáveis méritos pessoais do docente; correspondia também o prestígio intelectual do Serviço Social brasileiro, uma conquista de monta numa área marcada em seu passado recente por uma visível debilidade teórica.

Esta segunda solenidade deixa-nos duplamente honrados. Todavia sua ocorrência neste mesmo cenário, um ano depois, não tem nada

de casual. Ela é, antes, fruto da iniciativa que tivemos (Conselho Diretor e ESS) para que Carlos Nelson Coutinho recebesse o título de Professor Emérito na tarde de hoje!

E não há nenhum artifício nesta iniciativa, afinal Carlito é reconhecido dentro e fora do país como um dos mais influentes pensadores brasileiros do final do século XX e princípio do XXI. Por reunir tantas e tão vastas qualidades – dentre elas, um brilhantismo intelectual, revelado desde cedo, quando ainda meninote, aos 16 anos, aluno da Universidade da Bahia, publicou dois artigos indicadores da clara opção pelos dois campos de trabalho aos quais haveria de se dedicar, ao longo da sua vida: “O processo das contradições e a revolução brasileira” e “Problemática atual da dialética”; uma atitude de vanguarda ao introduzir na cultura brasileira dois pensadores europeus que se tornaram clássicos do debate teórico-filosófico do século XX, György Lukács e Antonio Gramsci. Ainda, o legado de uma obra que tem o selo claro de uma intervenção política na defesa do socialismo e na renovação do marxismo – é que a profa. Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, em seu Parecer apresentado à Comissão de Ensino e Títulos do Conselho Universitário, afirmou que a proposição da sua emergência poderia ter sido obra de qualquer das unidades acadêmicas que na UFRJ compõem o campo das ciências humanas.

Carlos Nelson Coutinho, tal como José Paulo Netto – companheiro de trabalho, de

jornada política e amigo de longa data – é, indubitavelmente, um dos melhores produtos do que Carlos Nelson denominou a “década longa dos anos 60”, conjuntura que, aberta em 1956, no XX Congresso do PC da URSS e terminada em meado dos anos 70, favoreceu – em meio às agitações de estudantes e trabalhadores em 1968, o terceiro-mundismo, o eurocomunismo, a Primavera de Praga – os melhores anos de florescimento e renovação do marxismo.

A ESS da UFRJ teve a sorte de acolher estes dois intelectuais na segunda metade dos anos 80. Ambos – de modo distinto, mas complementar – se constituíram em liderança teórico-acadêmica no processo de renovação do nosso Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – a refundação do Projeto de Mestrado em fins da década de 1980 e a criação do curso de Doutorado em 1994 – o que tornou nossa unidade acadêmica – na esteira da renovação da profissão no Brasil – um dos pilares dos avanços profissionais e acadêmicos da área no país.

Na verdade, tal sorte é também produto de uma iniciativa mais antiga que remonta ao ano de 1986, orquestrada pelas professoras Maria Helena de Rauta Ramos e Maria Inês de Souza Bravo que, à frente da direção da ESS na segunda metade dos anos 1980, se empenharam de forma consciente e estratégica em trazer para a Escola toda uma geração de intelectuais – destaque para as professoras Marilda Villela Yamamoto e Nobuco Kameyama, e os professores José María Gómez e Jean Robert Weissaupt – que juntamente à nossa dupla de eméritos (Carlito e José Paulo) alçaram a ESS/UFRJ à condição de agência nacional e internacional de formação de docentes e pesquisadores da área.

A elas agradecemos porque possibilitaram que Carlito chegasse até nós. E a ele, Carlos Nelson Coutinho, agradecemos o prazer de sua convivência e a sorte de beber em sua sabedoria.

Nota

¹ Fez esta intervenção, em nome do Conselho Diretor da ESS-UFRJ, a sua diretora, professora Mavi Rodrigues.